

DOCUMENTÁRIO

A CIRCUNAVEGAÇÃO DA ÁFRICA NA IDADE MÉDIA (*).

Neste últimos anos, ao surgirem novas e preciosas documentações sôbre a viagem dos irmãos Vivaldi, alguns historiadores de renome têm se ocupado em fazer uma revisão dêsse acontecimento visando provar terem êsses navegadores genoveses, em 1291, realizado o périplo africano. Entre êstes cultores da História destacam-se Charles de la Roncière (1) e Rinaldo Caddeo (2).

A título de divulgação, reproduzimos nas páginas desta Revista a tese mais recente, aquela defendida por Caddeo, fazendo-a todavia anteceder de uma resumida notícia sôbre as navegações na Antigüidade ao longo das costas do continente negro, o que certamente facilitará ao leitor acompanhar melhor a exposição e a argumentação do referido historiôgrafo italiano (3).

O faraó Neco (da XXVI dinastia, cêrca de 609-594 a. C.), encarregou navegantes fenícios de circunavegar a Líbia, como então era conhecida a África, partindo do Mar Vermelho e voltando pelas Colunas de Hércules. Heródoto assim narra essa viagem de circunavegação:

“A Líbia é cercada pelo mar, salvo na parte que se une com a Ásia. Neco, rei do Egito, foi o primeiro, ao meu ver, que isso provou. De fato, quando êle terminou a escavação do canal que se estende do Nilo ao Gôlfo Árábico, enviou navios tripulados por fenícios com a missão de contornar a Líbia até as Colunas de Hércules e ao Mar Setentrional (Mediterrâneo), voltando assim ao Egito. Assim, os fenícios partindo do Mar Vermelho, percorreram o Mar Meridional (Mar da Arábia e Oceano Índico). Cada vez que vinha o outono, êles arrastavam os navios para as praias, semeavam e esperavam a moção. Então colhiam o trigo e reiniciavam a navegação. Assim

(*) — Veja no final, como apêndice, os documentos referentes à viagem dos irmãos Vivaldi gentilmente traduzidos do original latino para o português, pelos professores Aida Costa e Armando Tonioli.

(1). — Charles de la Roncière, *La découverte de l'Afrique au Moyen Âge. Cartographes et explorateurs*. Cairo, 1925, 2 volumes.

(2). — Rinaldo Caddeo, *Le navigazioni atlantiche di Alvise da Cà da Mosto*, Milão, 1929.

(3). — O nosso trabalho se resume em traduzir para o português o erudito estudo de Rinaldo Caddeo, se bem que suprimimos alguns pequenos tópicos por julgá-los desnecessários e acrescentamos outros para melhor robustecer as argumentações do autor.

fizeram durante dois anos. Passaram as Colunas de Hércules e no terceiro ano chegaram ao Egito. E contaram coisas que não posso crer, mas que outros talvez admitirão, que contornando a Líbia tiveram o sol à mão direita. Assim foi descoberta a Líbia pela primeira vez” (4).

M. Cary e E. Warmington, da Universidade de Londres, após terem feito um estudo minucioso do referido périplo, chegaram à conclusão, de acôrdo com a moderna ciência náutica, da possibilidade dessa circunavegação, pois que as correntes marítimas e os ventos auxiliam a navegação no sentido do périplo fenício até a Guiné. E dêste ponto em diante, existem provas irrecusáveis de navegação na Antigüidade, graças a narrativa do cartagines Hanão (5).

Jean Poujade (6), assim esclarece o fato de terem os fenícios observado o sol à mão direita:

“E” pois bem evidente que êsses marinheiros fenícios foram ao hemisfério austral. No Mediterrâneo, de fato, o sol descreve uma curva na parte sul do céu e quando nós o olhamos voltamos as costas ao norte; êle se levanta pois à esquerda, faz seu caminho da esquerda para a direita a fim de se deitar ao oeste, isto é, à direita quando se olha para o sul; quando se passa entre os trópicos, chega o momento em que o sol descreve sua curva passando pelo zênite; mas quando continuamos a descer no hemisfério austral, o sol percorre daí em diante uma curva situada na parte norte do céu; a posição é invertida e o sol, quando o olhamos, se levanta à direita para se deitar à esquerda. Assim é pois certo que os marinheiros a soldo de Neco passaram o Equador e mesmo o Trópico de Capricórnio. Nesta latitude, êles tinham já quase saído do canal de Moçambique”.

Mais ou menos em 570 a. C., Hanão foi encarregado pelo govêrno de Cartago de explorar a costa ocidental da África com o fito de estabelecer colônias e, no caso de obter bom êxito, navegar o mais possível ao sul a fim de descobrir novas terras. A frota compunha-se de 60 navios cada um com 50 remadores e um elevado número de colonos. Passou Hanão pelas embocaduras do Senegal e do Gambia e também percorreu as costas planas tropicais habitadas por verdadeiros negros, avistando a grande distância alguns altos cumes, sendo que a um dêles deu o nome de **Carro dos Deuses**. Na sua navegação ao longo da costa ocidental da África, teria Hanão atingido cêrca de 5 graus de latitude norte, isto é, o gôlfo de Guiné. Um estudo

(4). — M. Cary e E. Warmington, *Les Explorateurs de L'Antiquité*, Paris, 1932, página 128.

(5). — E. Simões de Paula, *Marrocos e suas relações com a Ibérica na Antigüidade*, São Paulo, 1946, páginas 121, 147 a 170.

(6). — Jean Poujade, *La route des Indes et ses navires*, Payot, Paris, 1946, página 47.

analítico e minucioso da viagem dêste navegador cartagines é feito pelo professor E. Simões de Paula (7).

Narra Heródoto que Xerxes (485-465 a. C.) prometeu perdoar da pena de morte Sataspes, filho de Teaspis, da família dos Aque-mênidas, que violara uma filha de Zópiro, filho de Megabizo, caso realizasse a circunavegação da Líbia (África) em sentido contrário àquela realizada pelos fenícios estipendiados por Neco. A tentativa foi feita, passando Sataspes às Colunas de Hércules com o objetivo de circunavegar a África e atingir o Golfo Pérsico. Penetrando no Atlântico, Sataspes rumou para o sul, percorrendo durante vários meses a costa ocidental do continente negro, mas não podendo realizar a projetada viagem por causa das calmarias e ventos contrários, retornou ao Egito. Dêste país procurou Xerxes, fêz-lhe um relato da sua viagem, mas êste o mandou executar por não ter realizado o périplo africano.

“O grego Eudoxo de Cízico, segundo narra Estrabão, foi encarregado por Cleópatra de realizar uma viagem à Índia. Na volta, levado pela monção, aportou num ponto muito ao sul da costa oriental da África, em lugar desconhecido, mas que se supõe situado entre Zanzibar e Moçambique. Foi acolhido amistosamente pelos habitantes dos quais não compreendeu a língua, tomando todavia nota de algumas palavras. Aí encontrou um pedaço da proa de navio, tendo esculpido a cabeça de um cavalo, sendo que os naturais lhe disseram ser os destroços de um navio do ocidente que naufragara naquela paragem. Eudoxo após a morte de Cleópatra, voltou ao Egito, mas foi despojado dos frutos dessa sua viagem. Êle mostrou essa figura de proa a diversos marinheiros e pilotos fenícios de Cádiz lhe disseram ser seguramente de um navio daquele pôrto que tinha tentado navegar além da costa ocidental da África e do qual não tinham mais ouvido falar. Eudoxo concluiu que o périplo africano não devia ser um empreendimento extraordinário e, furioso contra o govêrno egípcio, ofereceu seus serviços a Marselha e depois a Cádiz. Partiu êle com três navios, perdendo sucessivamente, e construiu um outro com os destroços do último, terminando por chegar em um lugar onde os habitantes falavam a mesma língua daqueles de que tomara nota de algumas palavras na costa oriental. Deduziu êle que todos os habitantes da Etiópia falavam a mesma língua, mas diante das dificuldades para continuar a viagem, êle voltou” (8).

Existem notícias devidamente documentadas de outras viagens na Antigüidade ao continente negro, tais como as de Políbio, Euti-

(7). — *Obra citada*, páginas 147 a 170.

(8). — Jean Poujade, *obra citada*, páginas 109 e 110.

menes e Cilax de Carianda, que deixamos de narrar mesmo sucintamente, para não alongar êste introito.

*

* *

Pela sua posição geográfica tinha a marinha genovesa atingido na Idade Média uma importância superior às de outros países da Europa. Se Veneza dominava com as suas galeras o Adriático, o Jônico, o Egeu e o Mediterrâneo oriental, Gênova do amplo Tirreno estendia a sua navegação não só por todo o Mediterrâneo, mas também transpondo as Colunas de Hércules penetrava no Atlântico indo os seus navios a Portugal, à Flandres e à Inglaterra, como também aos arquipélagos da Madeira, das Canárias e dos Açores, numa época em que, principalmente os habitantes da Península Ibérica, se dedicavam apenas à pesca e, conseqüentemente, à navegação de pura cabotagem.

Esse apogeu da marinha genovesa era reconhecido pelos demais países da Europa, tanto assim que recorriam êles ao auxílio de Gênova não só para combater os seus inimigos, como também para instruir as suas equipagens.

A marinha de Castela durante cêrca de dois séculos contou com a colaboração de genoveses que a reorganizaram, ensinando ao mesmo tempo construção naval. Entre os nautas genoveses que estiveram a serviço de Castela, podemos citar Ugo Vento, Benedetto Zaccaria, Gil e Ambrósio Boccanegra, Lanzarotto Pessagno, Cristóvão Colombo e Sebastião Caboto.

O reino de Aragão por sua vez contou com os ensinamentos dos genoveses Oberto della Volta, Giacomo Adorno, Tedisio Fieschi e Cristiano Spinola.

À França, forneceu Gênova uma plêiade de competentes nautas, alguns dos quais chegaram ao pôsto de almirante, tais como Jacopo da Levanto, Benedetto Zaccaria e Carlo Grimaldi. Não devemos olvidar o nome do florentino João de Verrazziano.

Mesmo a Inglaterra não deixou de recorrer ao auxílio de Gênova, pois teve a colaboração de Leonardo Pessagno, Oberto e Nicolò Usodimare, êste último vice-almirante, Giovanni Doria, Pietro Fregoso, Antônio e Nicolino Fieschi e Giovanni e Sebastião Caboto.

Portugal, no reinado de D. Diniz, recebeu eficiente colaboração dos genoveses. Em 1317 Emanuel Pessagno foi nomeado almirante da frota portuguesa e tinha consigo um estado-maior de 20 oficiais genoveses. Carlos, filho de Emanuel Pessagno, como almirante do rei D. Afonso IV de Portugal, em 1342, venceu os mouros na batalha naval de Algeciras. Lanzarotto Pessagno, filho de Carlos, foi confirmado almirante por carta patente de 11 de novembro de 1448. Assim, de almirante a almirante, Emanuel Pessagno e seus descendentes mantiveram-se durante 130 anos à testa da armada portuguesa. Mais tarde, o Infante D. Henrique na sua emprêsa ao longo da costa ocidental da África, contou com a colaboração dos genove-

ses Antoniotto Usodimare e Antônio da Noli, bem como com a do veneziano Alvide de Cà da Mosto. Finalmente, em 1501, o rei D. Manuel encarregou o florentino Amerigo Vespucci de explorar o litoral brasileiro.

As cidades italianas de grande atividade comercial como Gênova, Pisa e Veneza, ampliavam os seus conhecimentos geográficos com as notícias que continuamente chegavam de regiões distantes da terra. Os árabes que dominavam política e religiosamente uma parte da África setentrional e parte da central, o Mar Vermelho, o Golfo Pérsico, o Irã e a Índia onde entravam em contacto com os hindús e chineses, revelavam alguns dos novos conhecimentos. Dêles e dos pioneiros que tinham penetrado nas mais distantes regiões, os venezianos e genoveses, vieram a saber que o Atlântico se estendia bastante ao sul; que o grande calor que fazia ferver as ondas do mar e tornava desabitada a parte meridional da terra; que os monstros marinhos que atacavam e punham ao fundo os navios; que as lendas que atemorizavam os povos da Europa, não eram impecilho à navegação. Ainda mais, que navegadores tinham chegado, em uma so viagem direta, da Índia ao Mar Vermelho, e que impelidos pelos temporais tinham verificado que o mar contornava a parte oriental da África.

Por outro lado a tradição clássica da redondeza da terra e da existência de antípodas, não estava totalmente esquecida: renascia e se propagava. Idéias da triangularidade da África e da sua circunavegabilidade aparecem nas obras dos escritores e em mapas com admirável exatidão (9), assinalando ilhas esparsas no Atlântico e mesmo terras distantes entre a Europa e a África, cujas costas eram consideradas separadas apenas por poucos dias de navegação (10). Tradição, lendas, experiências, intuição, tudo se unia para formar nos navegantes e nos mercadores italianos aquêlê espirito de esperança, de pressentimento, de ação que devia impeli-los progressivamente aos mais temerários e felizes empreendimentos.

-
- (9). — Marino Sanuto, vêneto, ofereceu no comêço do século XIV ao Papa o seu *Liber Secretorum fidelium Crucis*. A obra era acompanhada de um atlas de cinco mapas, cujo desenho é atribuído ao próprio Sanuto, mas reconhecido como do genovês Pietro Vesconti. Em um dêsses mapas, de 1321, a África aparece circundada pelo mar. Diante dêste documento cai por terra a afirmativa de Santarém (*Recherches sur la priorité...*, página 89 e seguinte) o qual sustentava que a circunavegabilidade da África era ignorada de todos, mesmo dos muçulmanos, até quando os portugueses a revelaram com a passagem do cabo da Boa Esperança. Existem outros documentos que desmentem tal afirmativa. O famoso mapa-múndi de Fra Mauro Camaldolense, de 1460, no qual o Atlântico e o Índico aparecem unidos, no extremo do continente negro, está desenhado um navio velozando rumo oriente. O mapa da Medicéia-Laurenziana, de 1351, dá à África a sua forma triangular e o planisfério da Palatina de Florença, de 1417, bem como o mapa de André Bianco, de 1477, se inspiram nos mesmos princípios.
- (10). — As palavras se Sêneca (*Naturales quaestiones*, 1, praef. § 11): "Quantum enim est, quod ab ultimis litoribus Hispaniae usque ad Indios jacet? Paucissimum dierum spatium, si navem suus ventus implevit". Pedro da Abano (1250-1316) no seu *Conciliator differentiarum philosophorum* se esforçava em demonstrar que a terra era habitada nas regiões tropicais.

Em consequência da experiência adquirida pelos náutas genoveses nas suas navegações no Mediterrâneo, surgiram as primeiras cartas náuticas que indicavam no referido mar as distâncias em milhas de pôrto a pôrto com a indicação dos ventos e das cautelas a serem tomadas quando aportassem. Tratando-se do Atlântico, essas referências eram assinaladas e também as marés com relação às fases da lua. Essas cartas também indicavam as rosas dos ventos das costas de várias regiões. Resumiam tôdas as observações e conhecimentos geográficos dos nautas da época e eram desenhadas com tal critério prático que serviam perfeitamente aos fins a que eram destinadas. Os que estudaram essas cartas acham que elas no que diz respeito ao Mediterrâneo eram de admirável precisão. Algumas partes do Mar Negro, por exemplo, eram de configuração em geral tão perfeita que pouco diferenciavam das cartas modernas (11).

O uso das cartas indicava, pois, que os genoveses daquele tempo possuíam profundos conhecimentos náuticos, matemáticos e astronômicos e eram peritos no manêjo dos instrumentos então usados na navegação como o astrolábio, a bússola, etc. Assim sendo, os italianos e em particular os genoveses, possuíam o máximo dos conhecimentos para serem, como de fato foram, durante cêrca de cinco séculos, os senhores dos mares então conhecidos e os mestres em navegação dos povos da Europa.

E agora passemos à viagem dos irmãos Vivaldi de acôrdo com o erudito estudo de Rinaldo Caddeo (12).

A época avançada da organização econômico-marítima de Gênova, está claramente ilustrada por esta expedição memorável (13). Foi organizador e principal capitalista, Tedísio Dória, da famosa e tradicional família dos Dória que, de 1290 a 1291, procurou constituir uma sociedade comercial para organizar uma expedição visando atingir a Índia pelo então chamado Mar Oceano, mas que por motivos desconhecidos abandonou êsse propósito e cedeu o comando dela aos irmãos Vivaldi (Ugolino e Vadino), que pertenciam por sua vez a uma das mais distintas famílias genovesas. Participaram dessa expedição na qualidade de sócio, Giacomo e Antônio Argilofi, diversos comerciantes, dois frades franciscanos e a necessária maruja para os dois navios de que se compunha a frota: — **Allegranza e Sant'Antonio**.

A sociedade tinha o cunho de comandita com o prazo de 10 anos. Os sócios comanditários se empenhavam em fazer render, nas suas viagens, através das diversas partes do mundo, o capital obtido dos sócios comanditários, aos quais deviam entregar, após a empresa

(11). — Giovanni Celoria em Uzielli, *La vita e i tempi di Paolo dal Pozzo Toscanelli*, páginas 382-383.

(12). — *Obra citada*, páginas 13 a 47.

(13). — Não é aqui o caso de se referir à história comercial e financeira das repúblicas marítimas italianas. Amplas referências foram feitas na obra de Guglielmo Heyd, *Storia del commercio del Levante nel Medio Evo* e no volume de Marengo, Manfroni e Pessagno, *Il Banco di San Giorgio*, Gênova, Consorzio Autonomo del Porto, 1911, nos quais o leitor pode encontrar uma ampla bibliografia.

realizada, 50% dos lucros. Por sua vez, Ugolino e Vadino Vivaldi pediram emprestado a Antônio Nigrono 500 libras genovesas, com o compromisso de restituir essa soma e mais os juros, logo após terem aportado em Maiorca, onde tinham o propósito de vender algumas mercadorias. Trata-se, como se vê, de pôr em execução um plano previamente estudado, e não de uma simples aventura como muitas que conhecemos.

As galeras foram abastecidas de água, de víveres, de todo o necessário para uma longa viagem e, além disso, de mercadorias para o escambo então em moda naquela época. A partida teve lugar no mês de maio de 1291, pelo estreito de Ceuta, como então era conhecido o atual estreito de Gibraltar, sendo a meta a Índia e regiões vizinhas.

Em Gênova esperavam após longo tempo o retôrno daqueles navegantes que teriam seguido uma rota aportando na Maiorca, em Barcelona, Valência, Alicante, Almeria, Cádiz e norte da África. Tiveram notícia da feliz entrada no Atlântico, mas depois que ultrapassaram o local chamado **Gozora** — escrevia tristemente Giacomo Dória, primo de Tedisio — “nenhuma notícia certa tivemos deles”; e como intérprete da preocupação dos associados da emprêsa e de toda a população cidadina, endereçava ao céu ardente súplica: “que Deus os tenha em guarda e os reconduza sãos e salvos às suas casas”. O augúrio não devia se realizar. Pietro d’Albano, mais ou menos em 1311, isto é, vinte anos após a infausta partida, escrevia que ainda não se conhecia a sorte dos infortunados navegadores.

O primeiro documento que levou os historiadores a reconstruir a viagem dos Vivaldi é aquele que se encontra no assim chamado **Itinerarium Antonij Ususmaris Civis Januensis**, cuja existência foi revelada nos primeiros anos do século XIX. Segundo êle narra, “os navegantes uma vez passado o local chamado **Gozora**, isto é, a região sub-marroquina que se estende entre Agadir e o Cabo Não, teriam rumado para o sul, ultrapassando o formidável Cabo Bojador e, costeando a terra dos azenegues e vencido o Cabo Branco, teriam chegado ao mar de **Ginnoa** ou da **Guiné**, isto é, na região situada entre as embocaduras do Senegal e do Gâmbia, a 15 graus de latitude norte. Neste ponto “uma das galeras bateu num baixio de modo a não mais poder navegar, ao passo que a outra continuou a viagem até chegar a uma cidade da Etiópia denominada **Mena** (Menam), onde foram capturados e conservados prisioneiros pelos da cidade que eram cristãos da Etiópia submissos ao Preste João. Esta cidade está situada no litoral perto do rio **Sion**” (14).

Identificado o rio **Sion** ou seja **Gihon**, com o Senegal, lembrado que a palavra Etiópia era aplicada a toda a África tanto oriental como ocidental habitada por negros, estabelecido que a cidade de

(14). — Preste João, fabuloso rei e padre cristão que criou ao redor de si muitas lendas entre os viajantes, navegantes e escritores da Idade Média, sendo que o seu reino foi sucessivamente localizado na Mongólia, China, Índia e finalmente na Etiópia.

Mena devia encontrar-se ao sul do Senegal, o mistério que rodeava o fim da expedição genovesa foi considerado esclarecido pelos historiadores. Logo depois surgindo um novo documento divulgado por um estudioso espanhol em 1877, julgaram ter com êle encontrado a confirmação da narração do **Itinerarium**.

No **Libro del Conoscimientos de todos los reynos...**, suposta obra de um frade franciscano do século XIV, há menção, de fato, da expedição dos Vivaldi e diz que chegado que foi o errante franciscano à cidade de **Graçiona**, veio a saber que lá foram detidos os genoveses que deixaram a galera naufragada em **Amenuam**, sendo que da outra galera que fugira não se soube o que aconteceu. Identificada **Amenuam** do documento espanhol com **Menam** do documento italiano (**Itinerarium**), foi encontrado para a cidade de **Graçiona** um local no interior da África ao sul do Senegal (15), sendo que a última meta dos Vivaldi foi estabelecida, sem que nenhum geógrafo e nenhum historiador da geografia se desse ao trabalho de reexaminar criticamente o penoso enigma.

Assim, pois, necessitamos retornar ao exame da intrincada questão, abandonando o caminho até agora seguido, baseado no **Itinerarium** e tomando aquêle do **Libro del Conoscimientos...** que poderá nos conduzir para mais próximo da verdade (16).

Depois de ter tocado no reino de **Gotonie**, nas suas pressupostas viagens à África, o frade do **Libro** atravessou um gôlfo conexo com o mar, no qual existiam três ilhas, e chegou em **Amenuam**, grande cidade capital do reino homônimo que é sulcado pelo ramo mé-

(15). — Luigi Hugues, *Storia della geografia e delle scoperte geografiche*, Parte II, *La geografia nel Medio Evo*, Turim, 1891, página 172.

(16). — O códice chamado *Itinerarium Antonij Ususmaris Civis Januensis*, 1455, ora na Biblioteca Universitária de Gênova, tem todos os indícios de ter sido escrito mais ou menos na metade do século XV, estando dividido em três partes: a primeira parece ser uma coletânea de legendas do planisfério de Bartolomeu Pareto de 1455; a segunda é um compêndio de geografia universal; a terceira faz referência às principais ilhas da terra e contém (onde fala da Índia) a notícia da navegação dos Vivaldi com a data errada de 1281. Em resumo: é o eco tardio e deformado de acontecimentos muito anteriores. Por isso no que diz respeito à empresa dos Vivaldi, contém não poucos erros, a começar pelo nome de um dos chefes chamado Guido em vez de Ugolino. O *Libro del Conoscimientos de todos los reynos y tierras y señorios que son por el mundo y de las senales y armas que han cada tierra y señorío*, escrito por um franciscano espanhol nos meados do século XIV, e publicado com notas por Marcos Jimenez, no Boletim da Sociedade Geográfica de Madri em 1877, é uma narração de viagens "tôda ou quase tôda fictícia, alinhavada com o auxílio de informações de várias origens por um anônimo" que se presume tenha sido um frade espanhol, mas rica de interessantes e verídicas informações que, por vêzes confusas, "revelam quanto conhecimento de terras foi possível obter por meio dos árabes e através do comércio caravaneiro até nos países mediterrâneos (Errera, *L'Epoca delle grandi scoperte geografiche*, página 218)". Os sincronismos dêste original tratado, do qual é admitida unânimemente a autenticidade, termina no ano de 1348. Qualquer um pode notar ser êle (o *Libro*) considerado como uma fonte de primeira mão para os acontecimentos da expedição Vivaldi, enquanto que o *Itinerarium...* não é mais que uma longínqua reconstrução de fatos. Entretanto, até hoje, os historiadores têm postergado o *Libro*.

dio do Eufrates, vindo do polo antártico e circundado por dois ramos do mesmo rio. Eis uma descrição bastante enigmática e que se presta às mais variadas interpretações. Markham, no prefácio da sua tradução inglesa do **Libro del Conoscimientos...** com uma facilidade que não se pode adotar em tal gênero de estudo, localiza o reino de **Gotonie** numa região que se estende ao norte da cadeia montanhosa do Kong, **Amenuam** o rio que sulca este reino no Benué, rio que desagua no Níger, as três ilhas com algumas das ilhotas que ficam fronteiras à costa do Congo.

Mas não é nesta zona onde o frade espanhol diz ter — como seria lógico — obtido notícias do naufrágio dos navios genoveses. Antes das preciosas informações, êle diz ter feito uma longa volta, também esta naturalmente enigmática. Quando atravessou este grande rio (o frade espanhol) fez antes uma longa caminhada pelas suas margens que são bastante povoadas e chegou a uma grande cidade chamada **Graçiona** e que é a capital do império de **Abdeselib**, palavra que significa **servo da cruz**. **Abdeselib** é o defensor da igreja da Núbia e Etiópia e defende o Preste João, o qual é patriarca da Núbia e da Abissínia e governa muitíssimas terras e diversas cidades. São de cor negra e traçam com fogo o sinal da cruz como reconhecimento do batismo. Apesar de negros, são homens calmos, de bons sentimentos e possuem discernimento e doutrina. **Disseram-lhe que os genoveses, cuja galera tinha naufragado em Amenuam e que tinham sido salvos, foram levados até aí. Nada mais se veio a saber do que aconteceu com a outra galera que fugiu.**

Com as indicações fornecidas pelo **Libro**, a posição da cidade que acolheu os Vivaldi e os seus companheiros, pode ser estabelecida com segurança. **Graçiona** é a antiga cidade da Etiópia de nome **Axum**, chamada em língua amárica **Agara-Sion**, a **Civitas Syone** dos planisférios daquele tempo, a capital religiosa do império da Etiópia (17). E o imperador **Abdeselib** do nosso frade não é outro que o rei da Abissínia **Amba-Sion**, em arábe **Abd as-Salib**, isto é, “o escravo da cruz”, que reinou de 1314 a 1344 e que deixou um nome célebre pelas suas vitórias na guerra contra os muçulmanos e por um romance árabe-egípcio do qual é protagonista seu filho (18). Esta **Graçiona** que alguns geógrafos imaginam na África Ocidental, “ao sul do Senegal”, se localiza portanto numa posição diametralmente oposta, a milhares de quilômetros do ponto do suposto naufrágio da frota genovesa.

Numerosas incongruências e contradições se defrontam.

Temos **Amenuam** que um escritor coloca no litoral africano do Atlântico ou pouco dêle afastado, e outro que a localiza no interior

(17). — Conti Rossini, *Il Libro del Conoscimientos...* no “*Bollettino della Società Geografica Italiana*”, 1917, página 673. *Sion* a catedral de Axum designava também a cidade.

(18). — Conti Rossini, página citada. De la Roncière, *La découverte de l'Afrique au Moyens Âge*, volume I, página 61. No *Itinerarium...* o nome deste rei aparece deformado em *Abet-Selip*, que significaria “cem homens”. Outra prova de que o *Itinerarium* dá notícia de segunda mão.

do continente além dos montes, sem que na verdade nenhuma prova da sua existência tenha sido apresentada; e o reino de seu nome, tido como povoado, segundo o texto do *Itinerarium*, pelos “crístãos da Etiópia submissos ao Preste João”, sem que esta particularidade conseguisse afastar os sábios olhares da população muçulmana e pagã da Guiné e do Niger e levá-la a outra região. Temos *Sion* ou *Gihon* ora identificado com o Senegal e ora com o Bonuê, sem levar em conta que na Idade Média tal nome era dado a quase todos os rios conhecidos, e especialmente ao Nilo e aos rios que com êle eram confundidos. Temos finalmente registrado e aceito por alguns autores mais recentes, a localização de *Graçiona* na Etiópia como a última etapa dos genoveses, sem que ninguém tenha se lembrado de indagar de que modo e com que possibilidades, europeus capturados no Atlântico, puderam vencer a enorme distância que os separavam do coração da Abissínia!

Mas no *Libro del Conoscimientos*... existe ainda uma outra informação que nos leva de novo a deslocar a zona do término da trágica expedição dos Vivaldi do poente para o levante. O *Libro* continua narrando a suposta viagem do franciscano de *Graçiona* a Malza (Malza dos cronistas etiópicos), residência de Preste João. Partindo de lá e tocando em várias cidades “duas vêzes atravessou êle o rio *Gihon* e finalmente chegou a uma grande cidade chamada *Magdasor*... Êste império... é todo circundado por dois dos rios que vêm de profundos mares que circundam o Paraíso Terrestre e que são o *Gihon* e o *Pison*. De uma outra parte é limitado por um gôlfo do mar da Judéia que penetra dentro da terra por quarenta dias de caminho. Nesta cidade de *Magdasor* lhe falaram de um genovês chamado *Ser Leonis* o qual vinha em procura de seu pai que estava nas galeras já mencionadas. Trataram-no amistosamente. Êste *Ser Leonis* queria ir ao império de *Graçiona* à procura de seu pai, mas o imperador de *Magdasor* não permitiu porque o caminho era incerto e perigoso”.

A verdade das informações dos fatos registrados no *Libro del Conoscimientos*..., no que tange a viagem dos Vivaldi é luminosamente atestada por documentos dos arquivos genoveses, os quais revelam ser *Ser Leonis* o personagem *Sorleone Vivaldi*, filho de Ugo-lino que no ano 1302, isto é, onze anos após a partida de seu pai, era mercador, tinha 17 anos de idade e recebia dinheiro de comanditários para traficar na Sicília. Comparecendo perante o notário Ambrógio da Rapallo, o jovem *Sorleone* citava seu pai sem acréscimo do *quondam*, indício de que sabia que êle era ainda vivo e que não tinha renunciado a esperança de o encontrar (19). E a procura do

(19). — “Ego Surleonius de Vivaldi, filius Ugolini, confiteor... recepisse libras triginta... causa negociandi”, 17 março 1302. Belgrano, *Nota sulla spedizione dei Fratelli Vivaldi*, nos “Atti della Società Ligure di Storia Patria”, 1881, volume XV, página 323; o mesmo no “Archivio Storico Italiano” terceira série, II, página 127; Canale, *Nuova Storia della Repubblica di Genova, del suo commercio e della sua letteratura dalle origini all'anno 1797*, Florença, 1858-1864, página 344.

pai e do tio êle deligenciava com ânimo, talvez em 1320 ou 1325, obtendo o doloroso resultado que nós sabemos.

Por que caminho? Certamente não por aquêle perigoso e desconhecido do Oceano Ocidental, porque êle sabia agora que os seus parentes podiam ser atingidos, não pelo Atlântico, mas pelo Índico, o sul do Mar Vermelho, rota conhecida e fácil. Êles (Sorleone e seus companheiros), pois — porque o caminho pelo Egito era muito incerto e fechado pelo Sultão do Cairo que interceptava as rotas da Índia e impedia o contacto com o reino cristão de Preste João — tiveram de embarcar em Bagdá descendo o Eufrates e atingindo **Magdasor**, o **Maqdeshu** dos árabes, o **Mogadouxo** dos portugueses, o **Mogadiscio** dos italianos. Situada na fronteira dos Zendis, na parte da Abissínia, Mogadouxo era então uma grande, rica e populosa cidade com cem mesquitas e um pôrto florescente pelo comércio da madeira do sândalo, do ébano, do marfim e do algodão. O imperador, ou melhor o “cheik”, de Mogadouxo, era um berbere de nome Abu Bekr, do qual Ibn Batuta, que o visitou mais ou menos em 1324, faz referência da sua cortesia e da sua fastuosidade. Êle e os seus súditos amavam a boa mesa e o bom Ibn Batuta notou que um só dos habitantes de Mogadouxo “comia o quanto era necessário a uma brigada!”

Feita a soma de quanto temos exposto até agora, temos o dever de repelir as hipóteses de que as galeras genovesas tenham ambas naufragadas em um ponto indeterminado da África Ocidental, e nos parece lícito afirmar que pelo menos uma delas tenha atingido o Índico nas vizinhanças dos territórios da Etiópia, lá onde justamente mais tarde a procurou o amor heróico de um filho e sobrinho dos chefes da expedição (20). E nos parece possível podermos

(20). — Eis as razões que nos induzem a tirar esta conclusão:

1.º — Aceito que o naufrágio tenha ocorrido num território ao norte do Senegal, os sobreviventes teriam caído prisioneiros dos azenegues, berberes saqueadores e escravocratas, os quais os teriam conservados cativos ou conduzidos ao mercado de Tombuctu para serem vendidos como escravos, ou às costas da Barbária freqüentadas por cristãos.

2.º — Se o infortúnio tivesse acontecido ao sul do Senegal, isto é, na terra dos negros, êstes no caso de não desejarem tê-los consigo, os teriam conduzido ao imperador de Melli que monopolizava artífices, construtores e mecânicos europeus, como se pode ver pelas notícias que dá Cà da Mosto. A singular informação dada por Antoniotto Usodimare, na carta que escreveu aos seus credores, sobre um descendente dos genoveses da expedição Vivaldi, encontrado por êle na região interior da Senegâmbia — informação que não podia referir-se ao naufrágio da primeira das duas galeras perdidas — atesta a impossibilidade de europeus poderem abandonar as regiões da África Ocidental para atingir as terras distantes da Abissínia. O cronista português Azurara, na sua *Crônica da Guiné*, contando a desgraça ocorrida com Afonso Fernando que foi aprisionado com o seu navio e mais a tripulação e mortos pelos negros da Guiné, refere-se à existência de três portugueses daquela expedição conservados prisioneiros em um castelo no interior, oito anos depois de capturados.

3.º — Europeus que naufragassem na região habitada pelos bárbaros sanguinários do Benin ou do Congo, para limitarmos a zona habitada por tribos de antropófagos, teriam sido indubitavelmente sacrificados.

4.º — As narrações del *Libro* e do *Itinerarium* concordam em afirmar que uma das galeras ficou imobilizada no mar de Guiné, ao passo que a outra

também eliminar o último obstáculo que se apresenta contra tal conclusão e que é fornecido pela localidade de **Amenuam** ou **Mena**, indicada no documento espanhol como o ponto da captura dos genoveses.

No mapa-múndi do Camaldolense Fra Mauro — de 1460, mapa que oferece a maior e a mais exata soma de informações geográficas medievais sobre a Abissínia e regiões adjacentes — ao sul da Etiópia e da Abássia (Abissínia) está desenhada em forma triangular uma vasta região chamada Diab, que constitui a extrema ponta da África Oriental em correspondência com a hodierna Somália — e onde é assinalada a região “Saccara”; **idest**, anota Fra Mauro, **Mana**. Nesta região, segundo uma apostila do grande cosmógrafo camaldolense, existem montes altíssimos, um rio que desagua no mar e um **outro rio** que se dirige para Oriente e separa Zanzibar de Sofala e de Mogadouxo, fechando Diab como em um triângulo (21).

proseguiu viagem; a segunda galera, recolheu os naufragos da primeira, navegou até a localidade de *Mena* ou de *Amenua*, na terra da Etiópia, “habitada por cristãos de Preste João”, que pela confusão dos conhecimentos geográficos, foi mantida no Atlântico, ao passo que era no Oceano Índico, e não muito distante do local onde foram aprisionados os naufragos.

5.º) — O transporte dos genoveses de uma para outra parte da África é impossível, mesmo que se queira admitir que as caravanas dos mercadores da Etiópia se aventurassem até as regiões da África Ocidental, dados os obstáculos que a distância, o clima equatorial e as populações do interior deviam opor à passagem incólume dos brancos.

6.º) — De *Amenua* ou *Mena*, cidade e reino atlântico, não existe nenhuma notícia nem anterior nem posterior ao acontecimento em tela. O planisfério catalão anônimo do século XV, existente na Biblioteca Estense e o mapa-múndi de Leardo de 1452, os únicos documentos geográficos que assinalam a *Menam* atlântica inspirando-se nas mesmas fontes de informações do *Libro del Conoscimientos...* ou a este livro, para poder aproximar *Mena* de Etiópia, desenham um golfo profundíssimo ao sul do Senegal que deforma estranhamente a configuração da África. De outro lado a descrição física que o *Libro* dá do reino de *Amenuam* não leva de nenhum modo a identificar a posição em uma ou outra parte do continente negro. O mesmo visconde de Santarém (que dedica 18 páginas nas suas *Recherches sur la découverte...* para anular a narrativa da viagem dos Vivaldi), confirma que “il n’y a jamais eu de ville de ce nom (*Menam*) sur la côte occidentale d’Afrique au delà du cap Bojador, car si une pareille ville eut existé les cosmographes génois l’eussent inscrite sur leurs cartes, ce qu’ils n’ont point fait”.

7.º) — As informações do *Libro del Conoscimientos...* provêm quase que exclusivamente de fontes árabes e de mapas europeus; ora, nos princípios do século XIV as regiões localizadas ao sul do Cabo Não e do Bojador eram quase tôdas ignoradas, ao passo que eram bem amplas as notícias sobre a África Oriental, sobre o Egito freqüentado e percorrido em todos os sentidos, sobre a Etiópia, em relação religiosa com a Europa, sobre o Mar Vermelho e a península dos Somalis até Mogadouxo, visitados freqüentemente por navios muçulmanos, indianos e italianos. Os nomes de *Graçiona*, *Abdeselib* e *Magadasor* são de formação árabe: é pois desta parte oriental da África que chegaram à Europa as notícias relativas ao acontecimento que conseqüentemente teve o seu fim entre as cercanias do reino da Etiópia ou de territórios vizinhos.

(21). — Plácido Zurla, *Il Mappamondo di Fra Mauro Camaldolese descritto ed illustrato*, Venezia, 1806, página 61.

Esta descrição não difere muito daquela que oferece o **Libro del Conoscimientos...** sobre o reino de **Amenuam** referido mais atrás. Além disso, na "Tábua quarta da Líbia", de Francesco Berlingheri que se encontra no Ptolomeu de Florença de 1471, em frente da Somália é assinalada uma ilha **dimensa**, com outras **duas ilhas**, e no Ptolomeu de Ulm de 1482 em frente do Cabo dos Aromas (Cabo Guardafui na Somália) estão desenhadas duas ilhas **Merae** (22).

Se não se quer negar a êste dado geográfico um valor bem mais sério e precioso da fantástica **Mena** do Atlântico, tôda a viagem dos genoveses se nos apresenta com uma visão nova, na qual se compõem e se harmonizam as incongruências, as inverossimelhanças, a impossibilidade da velha versão: a audaciosa empresa cessa de ser *um enigma* e um contrasenso e assume na história o relêvo de uma realização em consonância à seriedade das primícias. A narração da grande viagem de 1291 para atingir a Índia por via marítima, pode, pois, ser feita nestes termos:

As galeras dos Vivaldi partem de Gênova e tocam em Maiorca. Costeando a Espanha, penetram pelo estreito de Gibraltar no Atlântico e rumam resolutamente para o sul. A presença dêsses navios é assinalada na zona deserta de Gonzora. Em um ponto indeterminado, talvez entre as embocaduras do Senegal e do Gâmbia, um dos navios bate num baixio e não pode desencalhar; outro, recolhida a tripulação e mercadorias, prossegue cautelosamente ao longo da costa, deitando âncora ao anoitecer, continuando a navegação durante o dia, aportando para recolher água ou à procura de víveres onde era possível e evitando encontros com as populações litorrâneas, aliás escassas, das quais receiavam o contacto, se bem que privadas de navios de grande tamanho ou de perigosos meios de agressão. Assim passaram os meses, talvez anos. Novas constelações brilham no céu; o sol nasce e deita em direções incertas; ventos diversos impelem os navios num oceano desconhecido e em latitudes suspeitas. Os navegantes prosseguem sem que a coragem os abatam um só instante; sabem que terminarão avistando terras hospitaleiras e que concidadãos os esperam no outro lado da África, perto da Índia ardentemente desejada. Convidados pelo Can mongólico da Pérsia, Argun, e pelo seu ministro das finanças, o hebreu Saad-Adaula, construtores genoveses fabricam e põem a flutuar galeras em Bagdá (23), que devem bloquear Aden e cortar o comércio do Egi-

(22). — Vê-lo reproduzido por A. E. Nordenskiöld, *Facsimile-Atlas to the early History of cartography with reproductions of the most important maps printed in the XV and VI Centuries*. Translated from the swedish original by J. A. Ekelöf and C. R. Markham, Estocolmo, 1899. — De uma cidade chamada **Menna**, "habitada por mouros", e submissa ao Sultão dos Sevaques (Suakim no Egipto no Mar Vermelho), faz referência Frei Francisco Suriano no *Tratato di Terra Santa e dell'Oriente* (a cuidado do P. Golubovich, Milão, Tip. degli Artigianelli, 1900, página 84).

(23). — A esquadilha genovesa do Golfo Pérsico acabou trágicamente devido às lutas entre as equipagens que se destruíram. A gravidade dêsse acontecimento provocou grande emoção em Gênova: as partes se reconciliaram e se associaram para reconstruir a esquadra do Eufrates. Veja J. B. Chabot, *Relations*

to com a Índia. Buscarello Ghisolfi, genovês, e o pisano Isoli gozam de muito prestígio nas côrtes da Pérsia; mercadores italianos se encontram espalhados por todos aquêles florescentes mercados; missionários italianos são hospedados pelo Preste João, na cristã Etiópia; não faltarão, pois, aos intrépidos navegadores, que chegarão ao Oriente por uma caminho tão diferente, cordiais acolhidas e bons negócios... Até que chegando a galera despedaçada num ponto situado entre Mogadouxo e o Cabo Guardafui, foi avistada por navios árabes, cercada e capturada... A grande navegação tinha terminado! E os genoveses reduziões em número devido às fadigas e às enfermidades, são conduzidos prisioneiros ao rei da Etiópia que aprecia e procura os europeus e acolhe amistosamente os sobreviventes... Em Axum êles são detidos para sempre e vão aumentar o número de brancos que trabalham para o rei e para as suas indústrias... (24). Mas em vão pedem para ser libertados, pois que devem fechar os olhos distantes dos entes queridos, sendo que o mais que conseguiram, é fazer chegar notícias das suas existências aos parentes e aos sócios da amada pátria distante... (25).

Duzentos anos mais tarde, as caravelas portuguesas refazem o itinerário dos italianos, porém mais felizes que êles, os heróis que as comandam attingirão a meta, assegurando a si mesmo fama imortal e, à pátria lusitana, um vasto e rico domínio colonial. Mas se a infeliz tentativa italiana não pode diminuir a importância das viagens e descobertas de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama, a glória dêstes não deve mais erguer-se como uma barreira formidável diante da justa reivindicação que a Itália deve fazer dos seus filhos valorosos. E' costume exaltar só as empresas que são coroadas de sucesso. Mas o que mais vale na história do progresso humano é o

du Roi Argoum avec l'Occident, na "Revue de l'Orient latin", tomo II, página 592; De Simoni (na mesma revista, tomo II, página 15 e nos "Atti della Società Ligure di Storia Patria", volume XIII).

(24). — O português Pero da Covilhã, enviado pelo rei de Portugal como embaixador à Abissínia, ficou aí detido como os Vivaldi, tratado porém com carinho e honrarias. Em 1525, depois de 33 anos que Covilhã estava prisioneiro na Abissínia, um outro português, Rodrigo de Lima, o encontrou ainda vivo. O velho chorou ao ver o seu conterrâneo, o qual deligenciou em vão para a sua volta a Portugal (F. Alvarez, *Storia dell'Ambasciata portoghese in Abissínia* nos anos de 1520-1527).

(25). — Três autores tiveram o pressentimento da verdade sobre o fim da expedição Vivaldi, mas não ousaram chegar a uma conclusão lógica: Luigi Tommaso Belgrano que (no "Archivio Storico Italiano", 1865, série III, tomo II, página 121...) também tendo lido no *Itenerarium* "Civitas ista Mena est ad Marmam", não se deixou hipnotizar pelo Senegal e reconhecia dita localidade em *Minera* (Mena), *Hurma* (Marma!) e *Sohan* (Sion) do mapa catalão de 1375, assinaladas nos territórios do império etiópico; De la Roncière que ocupando-se, na sua obra citada, da viagem dos Vivaldi, intitulou o capítulo a êles dedicados: *L'enigme de la première circumnavigation médiévale de l'Afrique*, e Gustavo Uzielli (obra citada, página 112) que escrevia: "Stando taluni testi (ma quali?), una d'esse (delle navi dei Vivaldi) avrebbe circumnavigato l'Africa e sarebbe giunta alle spiagge dell'attuale Etiopia". Bardelli Boni, *Il milione di Marco Polo*, no volume I tinha já conjecturado a idêa mater da expedição Vivaldi.

espírito que instrui, caminha, inspira, incita e cria o ambiente dos grandes e fatais acontecimentos (26).

Que o espírito de Vivaldi esteve presente em tôdas as emprêsas, conhecidas e desconhecidas que, de 1300 em diante foram dirigidas ao Atlântico em procura da rota marítima para a Índia, é impossível negar. Já na Crônica de Nuremberg (27), quando se fala da viagem de Diogo Cão à Guiné (e da qual teria participado, o que parece hoje muito duvidoso, o cosmógrafo Martim Behaim) se exalta a emprêsa “destinada a descoberta de um novo mundo, tentada há tempo, mas em vão, pelos genoveses”. E mais recentemente Guglielmo Heyd prestava homenagem à magnânima ação dos italianos, observando que “contornar a África para chegar à Índia por mar, isso era o pensamento que tinha inspirado a emprêsa dos Vivaldi de Gênova, os quais haviam se lançado com uma temerária coragem, sem ter idéia das dificuldades que iam encontrar. Êsses pereceram; mas a idéia dêles sobreviveu, e duzentos anos depois a procura foi recomçada e levada a bom fim por um outro povo” (28).

Isto que o leitor acaba de ler, é da autoria de Rinaldo Caddeo, sendo que o insuspeito e notável historiador inglês C. Raymond Beazley, biógrafo e panegirista do Infante D. Henrique, referindo-se a viagem dêsses dois genoveses, assim se manifestou:

“Das referências freqüentes e categóricas desta viagem na literatura da baixa Idade Média, torna-se evidente que os ousados genoveses chamaram sôbre si as atenções do mundo culto e do mercantil como se poderia, naturalmente, esperar. Êstes homens são os pioneiros das explorações cristãs no mundo meridional — os precursores de tôdas as viagens que levaram aos descobrimentos do Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Colombo e Magalhães —, os primeiros que diretamente desafiaram as teorias desanimadoras de geógrafos como Ptolomeu, a inacção e o tradicionalismo dos árabes e as falsidades rebuscadas dos inventores de patranhas, que, à falta de conhecimentos reais, deram voga a terríveis histórias de fadas” (29).

Cada vez mais nos convencemos de que os grandes feitos marítimos realizados no comêço da Época Moderna, nada mais foram que os complementos de uma série de pequenas descobertas que se sucederam com o decorrer do tempo, não se podendo, pois, ocultar

(26). — “Há tempo um tal Giorgio genovês, segundo narra Antônio Galateo, meditava sôbre a passagem do Equador”. Amadeo Perscio, *I grandi Navigatori Liguri*. Roma, 1912, página 41.

(27). — Hartmann Schedel, *Chronicorum Liber*, Nuremberg, 1493, Fol. CCXC, V.

(28). — *Storia del Commercio del Levante nel Medio Evo*, Turim, 1913, página 1074.

(29). — C. Raymond Beazley, *Prince Henry the Navigator the Hero of Portugal and of modern discovery*. Tradução portuguesa, Pôrto, 1945, página 104.

ou menosprezar os nomes de humildes navegadores que pouco a pouco foram dilatando os conhecimentos dos mares desde a mais remota Antigüidade até o século XVI.

Nada mais contristador do que vemos inescrupulosos escritores adulterar legendas de mapas, mutilar documentos e recorrer a outros processos indecorosos com o fito premeditado de, por vaidade nacional, descobrir descobridores, desclassificando uns para enaltecer outros, numa manifesta inversão de valores.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo e da
Société des Américanistes de Paris.

*

* *

A CIRCUNAVEGAÇÃO DA ÁFRICA NA IDADE MÉDIA.

(Documentação a ela referente).

1). — O analista Giacomo Dória (homem notável e parente próximo do principal armador da expedição), continuador dos **Annali Genovesi di Caffaro**, ora na Biblioteca Universitária de Gênova, deixou escrito com referência ao ano de 1291 o seguinte: “Pois naquele mesmo ano, Tedisio Dória, Ugolino Vivaldi e seu irmão, com alguns outros cidadãos de Jânua, iniciaram uma viagem que, até então, ninguém, de forma nenhuma, havia tentado. Armaram muito bem duas galeras e, tendo-as provido de víveres, água e outras coisas necessárias, fizeram-nas sair, no mês de maio, pelo Estreito de Ceuta, para, pelo Mar Oceano, atingirem as partes da Índia, a fim de trazerem daí mercadorias úteis. Nelas seguiram, pessoalmente, os mencionados dois irmãos Vivaldi e dois Frades Menores, o que foi motivo de espanto não só aos que viram como aos que ouviram contar. E, depois de ultrapassarem o lugar chamado Gozora, nenhuma notícia segura tivemos deles. Guarde-os o Senhor e traga-os de volta sãos e salvos”.

*

* *

II). — Pietro d'Abano (1250-1316) na obra **Conciliator differentiarum** (Veneza, Giunta, 1548, página 107, **Differentia** 67a.): “Então, pouco mais dessa época, os jaluenses prepararam duas galeras providas de todo o necessário, as quais passaram por Gades de Hércules, situada na costa da Espanha. O que lhes aconteceu, porém, e há já quase trinta anos, é ignorado. Sabe-se agora que passaram então pelos Grandes Tártaros (original *magno Tártaro*) em direção ao norte, dirigindo-se de-

pois, para o oriente e para o sul. Pois alguns afirmam que isto se deu”.

*
* *

III). — **El libro del conocimientos de todos los reynos:** “En la cibdat de Graçiona le dixeron que allı fueron traídos los Ginoveses que escaparon de la galea que se quebrò en Amenuam, e de la otra galea que escapò nunca sopieron que se fizo”.

“A Magdasor le dixeron de un Ginovês, que dixeron Ser Leonis, que fuera en busca de su padre, y que fuera en dos galeas de que contè de susso, è fizieronle toda onrra; è este Ser Leonis quiysiera traspasar el Jmperio de Graçiona, e buscar à sua padre: è este emperador de Magdasor non le consintìò yr, porque la yda era dubdosa, porque el camino es peligroso”.

*
* *

IV). — **Relação continua no assim chamado Itinerarium Antonij Ususmaris Civis Januensis:** “No ano de 1281 (corretamente 1291) partiram da cidade de Jânua duas galeras comandadas pelos irmãos Vivaldi, senhores Vadino e Guido, desejosos de ir ao Oriente, para as partes da Índia; estas galeras navegaram muito. Mas, quando as mencionadas duas galeras chegaram ao Mar de Ghinoia (Guiné), um delas deu em sêco, de tal modo que não podia mover-se nem ir adiante. A outra, porém, navegou e seguiu por êsse mar até que, chegando a uma cidade de Etiópia, chamada Mena, foram capturados e detidos por aquêles habitantes da cidade que são cristãos da Etiópia, subordinados a Preste João. Essa cidade está situada na costa, perto do rio Sion. Os supramencionados foram de tal modo detidos, que nenhum dêles jamais voltou daquelle lugar”.

*
* *

V). — Carta de Antoniotto Usodimare aos seus irmãos.

“Em nome de Cristo, dia 12 de dezembro de 1455. Respeitáveis irmãos: posso imaginar o quanto deveis estar descontentes comigo, porque não basta a vossa attitude, mas de vossa parte, já tenho experimentado o mal. Porém, não vos podendo escrever algo de bom e tendo, na verdade, disposição de estar convosco e de me entre-

gar às vossas mãos e às de outros credores, quis esta minha sorte que eu me dirigisse, numa caravela, para as partes da Guiné. Além disso, achando-me nesta vergonha em que me acho, decidi antes expor-me à morte que viver: assim, cheguei 800 milhas além do lugar em que tenha estado qualquer cristão; e, tendo encontrado o rio Gâmbia, muito largo na foz, nele entrei, sabendo que nessa região se recolhe ouro (no original *meregeta*) e malageta (?). Neste lugar pescadores atacaram-me com arcos e flechas envenenadas, julgando fôssemos inimigos; e, vendo que não nos queriam receber, fui obrigado a voltar”.

“Cêrca de 70 léguas dali, um senhor negro deu-me 40 escravos, alguns dentes de elefante, papagaios e um pouco de (no original *zebeto*) algália (?), em troca de uma túnica que lhe foi presenteada; e, sabendo da minha pretensão, enviou comigo, ao Sr. Rei de Portugal, um secretário seu com alguns escravos. Prontifica-se êsse secretário a tratar da paz com o rei de Gâmbia e, ficando isso estabelecido, o Sr. Rei quis excluir-me de tal empresa, mas, a pedido do secretário, permitiu que eu fôsse com êle apenas àquelas partes. Assim, em nome de Deus, preparo agora a caravela em que vou; tenho o encargo daqueles infantes do senhor e me lanço à aventura e, dentro de dez dias, despacho êsse embaixador, numa caravela, para que vá tratar da paz. Êle me confia tudo que é seu para que eu junte ao que é meu”.

“Portanto, meus senhores, agora vamos a ver o que, desta vez, quer fazer êste meu destino; se êle não me fôsse tão adverso, eu viveria numa grande esperança, ouvindo o que me conta o secretário — coisas que, se vos escrevesse, haviam de vos parecer fantasia. Mas estou certos de que não restavam 300 léguas até à terra do Preste João — não falo dêle pessoalmente, mas de onde começa o seu território — e, se me tivesse sido possível, teria me avistado com o comandante do rei de Meli, que estava mais ou menos a seis dias de nós, com 100.000 homens e, com êle, 5.000 cristãos do Preste João. Falei com os do seu exército: encontrei aí um da nossa gente — creio que descendente dos daquelas galeras dos Vivaldi que se perderam há 170 anos — que me disse, e assim me afirma o secretário, não restar outro da sua raça a não ser êle mesmo; e um outro, que me falou de elefantes, rinocerontes (no original *zebeto*) algália (?), e de outros sêres muito estranhos, de homens que tinham cauda e que comiam os filhos, coisas que vos pareceriam impossíveis. Crede que, de aqui eu tivesse navegado mais um dia, teria perdido a tramontana. E o motivo porque

não me pude deter foi que me faltavam alimentos e, das suas comidas, de maneira nenhuma se podem utilizar os brancos sem adoecer e morrer, mas apenas aquêles negros que nascem ali. Mas o clima é excelente e a terra a mais bela que existe debaixo do céu e quase no equinócio: realmente, no mês de julho, o dia é de 12 horas e meia e a noite de 11 horas e meia”.

“Conto-vos tudo isto, mas estou certo de que haveis de dizer que antes quereíeis o que é vosso e dos outros do que ouvir estas novas. E’ preciso que tenhais paciência por seis meses e sobretudo porque estou assegurado, o que certamente não seria preciso, sendo aquêles mares como que portos seguros daí”.

“Destina-se esta carta a todos os credores que têm a receber e a vós com êles. Se eu tivesse com que vos pudesse satisfazer em 60 por cento, não me teria lançado em tal aventura com uma única caravela: talvez tudo há de ser para melhor. Por isso, tende paciência, por amor de Deus”.

Vosso Antônio Usodimar.

*
* *

VI). — Folieta, **Hist Genuens**, lib. V, ad annum 1291, em Casoni, “Annali di Genova”, lib. 1, ano de 1506: “Tendo comprado e armado duas triremes, em caráter particular... Tedísio Dória e Ugolino Vivaldi, seguiram uma rota marítima desconhecida do mundo até aquêles dias, para descobrir o caminho da Índia e, saindo do Estreito de Hércules, dirigiram o curso para ocidente. Notícia de qual tenha sido a sorte dêsses homens jamais chegou até nós”.

*
* *

VII). — Atos comerciais relativos à expedição.

“Eu, Jacó Argilof, filho do outrora tintureiro Filipe, declaro ter tido e recebido de ti, Bonifácio de Montelongo, como financiamento, vinte e cinco libras... com as quais devo navegar e levá-las pelas diversas partes do mundo e com elas negociar, à meia, durante os próximos dez anos”. Gênova, 21 de fevereiro de 1291. Outros empréstimos do mesmo ao mesmo Jacó Argilofi e ao irmão Antônio com a mesma cláusula do empréstimo por 10 anos. 27 de fevereiro de 1291. Atos estipulados em Gênova.

nova no notário Castello di Rapallo Corrado. Os atos relativos a Tedísio Dória, de 27 de março e de 2 de abril de 1291, foram estipulados no notário Angelino da Sestri. Em um desses, Tedísio declara ter recebido de Daniele Tarigo 75 liras genovesas e de o haver empregadas nas próprias galeras, “das quais uma se chama **Santo Antônio** e a outra **Alegrância**, indo, presentemente, à parte da România (original Domino ad parte Romanie)”. Pelo ato de 3 de abril de 1291, do notário Angelino da Sestri, Vadino e Ugolino Vivaldi pedem emprestado a Antônio de Nigrono 500 liras, com o compromisso de restituir esta quantia com os juros, apenas atingida a Maiorca.